

ENTREVISTA

PERSPECTIVAS DE MULTILETRAMENTOS, DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM UMA EDUCAÇÃO PLURICULTURAL

Entrevista com o Profa. Dra. Ana Rita Santiago (UFRB)
Entrevista concedida a Ariel Dantas Barbosa (Mestre em Crítica Cultural/ UNEB)
Jaqueline Monteiro de Santana (Mestre em Crítica Cultural/ UNEB)



Ana Rita Santiago (foto) foi Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com pós-doutorado na Université Paris Descartes, Paris 1, Sorbonne, França, (2017). Possui doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2010) e Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB, 2005). Atualmente é pesquisadora e membro do GT Mulher e Literatura da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll). É professora associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Depart-

mento de Educação, Campus II, Alagoinhas. Pesquisadora Talento da Université Paris Descartes, Paris 1, Sorbonne, França, (2017-2019). Foi Presidente da Associação de Pesquisador@s Negr@s da Bahia (2012) e Membro do Conselho da FAPEX-BA (2011-2015). Desenvolve pesquisas sobre autoria feminina negra no Brasil e em países africanos em língua portuguesa. Tem experiência na área de Educação e Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura afro-feminina, escritoras negras, educação pluricultural e antidiscriminatória, identidade e memória, literatura negra, gênero e literatura, autoria negro-feminina no Brasil e em países africanos em língua portuguesa.

O que é ser negra, feminista e acadêmica na Bahia?

Essa é uma instigante e interessante pergunta. Cada um de nós, negros e negras, sabemos as dores e as alegrias de ser “a alegria da cidade”, como já cantara o compositor Lazzo Matumbe. Não tem sido sempre confortável e prazeroso construir nossas identidades negras em um País e Estado que insistem em nos reconhecer só pelo passado histórico de escravização de nossxs antepassadxs; pelos arranjos sociais e institucionais de inferiorização de nossas histórias, ancestralidades, culturas, cosmogonias dentre outros; pela força da mão de obra em áreas que exigem, supostamente, “pouca” qualificação e intelectualidade; e pelos corpos dóceis, afeitos à exploração, à domesticação e necessitados de disciplinamentos de toda ordem.

Construir-me e reconhecer, afirmativamente, mulher, de origem pobre, negra e feminista tem sido um árduo exercício político de reinventar, cotidianamente, a minha existência. Refutar os “tempos-espacos” e “destinos”, pessoais e coletivos, a nós atribuídos, através de olhares, discursos e práticas, institucionais ou não, de dominação eurocêntrica, não negra, sexista, excludente e racista, é um constante *devir*

revolucionário (DELEUZE, 1990) e também um ato insurgente de (re) existência.

Tudo isso, a um só tempo, se acirra mobiliza, quando nossos corpos, com pele de ébano, tornam-se linguagens, como igualmente cantou Lazzo Matumbe, de identidades negro-femininas empoderadas e negociadas. Não é fácil permanecermos em vigília, hodierna e diuturnamente, para desconstruir leituras pautadas em postulações misóginas e preconceituosas! Mas urge ainda que estejamos prontas e dispostxs a enfrentar todas as formas de exclusão e discriminação de populações negras e a forjar, com nossos corpos (in) dóceis, políticos e ancestrais, outras leituras da nossa *cor da noite*. Urge, igualmente, que estejamos nos “tempos-espacos” como mulheres negras, demasiadamente humanas, ávidas por amar, ser amada e viver dignamente, com liberdade e autonomia. Vidas negras importam sempre!

A situação se agrava, mais ainda, quando esses corpos ocupam, por direito, espaços acadêmicos, contestam pensamentos coloniais, descolonizando os conhecimentos hegemônicos e disputando produção de saberes a partir de outras epistemes, sujeitos, tempos e territorializações. Também não é (e não foi) fácil me tornar acadêmica e intelectual. Essas são, por um lado, marcas identitárias que, quase sempre, subjugaram à invisibilidade e ao silenciamento aos homens e, mais ainda, às mulheres negras. E, por outro lado, são imbuídas de complexidades, pois há desafios e contingências inerentes e peculiares às mulheres negras intelectuais e acadêmicas como salientou a pesquisadora afro-americana bell hooks e tantas outras.

Ainda assim, sigo a contestar o “não lugar” e o emudecimento de minha (nossa) voz negro-feminina como intelectual e acadêmica, acionando o fazer docente de modo produtivo, crítico e educador e fortalecendo o meu fazer científico através de estudos, pesquisas, produção, publicação e circu-

lação do conhecimento. Essas, inclusive, são atribuições que concorrem com todas as outras que sobrecarregam meus dias. Contudo não é tão somente o tempo que instiga da identidade intelectual, as condições e o não financiamento de estudos e pesquisa, o não reconhecimento, dentre outros fatores, impedem de desenvolvê-la satisfatoriamente.

O que te influenciou a trabalhar com literatura negra e feminista?

Para responder essa pergunta, torna-se imprescindível, inicialmente, retomar alguns caminhos trilhados como estudante de Letras na década de 90 quando as literaturas negras e negro-femininas não passavam, nem ao longe, dos espaços acadêmicos. Fui estudante de ensino superior de jovens e adultos! Ingressei na universidade com quase 30 anos, em um curso noturno, de uma universidade privada. Fiz todo o meu percurso de formação acadêmica, do ensino médio ao doutoramento, como "trabalhadora estudante". Mas a minha formação política, religiosa, humana e sociocultural, desde sempre, fora dos ambientes escolares e universitários, associada ao engajamento em movimentos sociais negros e de gênero, são responsáveis, imensuravelmente, pela pessoa que me tornei, inclusive, leitora, antes, pesquisadora, depois, de literaturas negras e negro-femininas.

Conheci nomes de alguns autores negros brasileiros e autoras negras afro-americanas em ações de movimentos sociais negros. Já, na graduação, instigava-me a ausência de autorxs negrxs em estudos de história, movimentos e historiografia da literatura brasileira. Autores como Machado de Assis e Cruz e Souza, por exemplo, eram apresentados tão somente pelas suas obras. Poucas vezes, quando se referiam as suas identidades, ao primeiro, equivocadamente, atribuíam a condição de mulato, pouco comprometido com sua negritude, descendência e com as lutas abolicionistas. O segundo, também, equivocadamente, por vezes, era caracteriza-

do como um negro embranquecido, confundindo as peculiaridades do movimento literário simbolista. Há de se fazer uma ressalva, neste contexto, à apresentação de Lima Barreto, como escritor negro, e de suas obras em estudo da literatura brasileira ao final do século XIX.

Quanto às autoras brasileiras, causava-me estranhamento a ausência total de escritoras negras no rol dos estudos literários, sobretudo, no movimento modernista, em que apareciam algumas como Clarice Lispector e Cecília Meireles. Conheci Carolina Maria de Jesus (MG), Auta de Souza (RN), Gilka Machado (RJ), Antonieta de Souza (SC), Nivalda Costa (BA), Vanda Machado (BA), Aline França (BA), dentre outras autoras negras brasileiras, em atividades formativas ou artístico-culturais de movimentos sociais negras. Isso ocorreu, de modo semelhante, com escritoras afro-americanas, tais como Toni Morrison, Alice Walker, Maya Angelou etc.

Esses fatos provocaram algumas desconfianças investigativas. Nutria, à época, o desejo (quase um sonho irrealizável), de um dia, se possível fosse, faria uma pesquisa, hoje denominada por mim, de cartografia literária de autoras negras. Confesso que, mediante as condições em que estudei, a matriz curricular da graduação e até dos cursos de pós-graduação, *lato e scritu sensu*, cursados na Universidade Federal da Bahia e na Universidade do Estado da Bahia, não me conferiram credibilidade de que esse estudo seria realizado.

Ainda assim, sem projeto de pesquisa, rigor científico e orientação metodológica, iniciei uma busca de autoras negras brasileiras, dados biográficos e obras, entre os séculos XVIII e XX, após a graduação. As informações, obtidas nessa pesquisa, não me garantiram confiança suficiente capaz de elaborar um projeto de pesquisa afim e submetê-lo a programas de pós-graduação para cursar o mestrado. No entanto, elas foram relevantes para conhecer autoras negras brasi-

leiras e “desconfiar” que a naturalização de ausências em circuitos literários, a que foram (e ainda são) acometidas, deve-se ao silenciamento, cerceamento e invisibilização de suas vozes e identidades autorais. Elas escrevem, algumas publicam e circulam suas obras, apesar disso!

Além das lacunas do processo formativo, indubitavelmente, as práticas sociais, culturais e políticas e, principalmente, de leitura influenciaram, incisivamente, na decisão por estudar sobre a literatura negro-feminina. Afirmo, com frequência, que os temas de pesquisa, a que me dedico, certamente, não os escolhi. Ao contrário, são emergentes e emergenciais derivados de leituras e inserções em organizações sociais negras, quiçá, por isso os estudos e pesquisas, até aqui realizados, inclusive no tocante às literaturas negro-femininas, no Brasil e na África, se configuram como *desobediência* e *justiça* epistêmicas, como classificou o filósofo e professor moçambicano Manuel Cochole Paulo Gomane (2018), ao se referir aos mapeamentos e cartografias literárias por mim realizados, aqui e lá.

Qual o cenário da literatura negra e feminina hoje?

Sou otimista. Quando me deparo com fios e fiapos de memórias, que se entrelaçam, reconheço que nós, negrxs, temos forjado, individual e coletivamente, possibilidades de construção e consolidação das literaturas negras e negro-femininas. Múltiplas iniciativas de produção, publicação e circulação dessas literaturas, tais como os *Cadernos negros*, editoras negras, festivais, concursos, slam’s etc. Estudantes e docentes, em espaços escolares e acadêmicos, instigam a inclusão de obras de autorxs negrxs em matrizes curriculares. Paulatinamente disputam-se mercados editoriais ainda que em condições e oportunidades desiguais. Hoje se publicam e circulam mais nomes de escritorxs negrxs e obras do que antes. Nisso se instaura a razão do meu otimismo.

Quais suas referências na literatura negra brasileira e africana?

No Brasil, dentre outros, Lima Barreto, Oliveira Silveira, Ricardo Aleixo, Ronald Augusto, Edmilson Pereira, Landê Omowalê e outros dos *Cadernos Negros*, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus (MG), Auta de Souza (RN), Antonieta de Souza (SC), Nivalda Costa (BA), Aline França (BA), Ana Maria Gonçalves, Guellear Adún, Mel Adún, Rita Santana, Lívia Natália, Conceição Evaristo. Em África, Wole Soyinka, Paulina Chiziane, Isabel Ferreira, Sónia Sultuane, Tânia Tomé, Vera Duarte, Ana Paula Tavares, Conceição Lima, Odete Tavares, Nóemia de Souza, Chimamanda Ngozi Adichie, Felismina Velho, Amosse Mucavele, Lúcio Manjate, Chinua Achebe, Ondjaki, Ngûgî wa Thiong’o, Ayobami Adebayo etc.

Qual o seu maior desafio enquanto pesquisadora desse tema?

Para respondê-la, imprescindível se faz, inicialmente, reconhecer-me como leitora, pois um dos grandes desafios que se apresentam é a formação de público-leitor às autoras negras, além das condições e oportunidades de produção, publicação e circulação, e para os pesquisadores de literaturas negras e negro-femininas, além do financiamento e condições de estudos e pesquisas.

Antes e com a construção da identidade autoral é que fios e fiapos de repercussões dos textos se emaranham e perfilham outras como, por exemplo, ter me tornado professora, crítica e pesquisadora de literatura negro-feminina, com suas exigências e especificidades, mas também com os entrecruzamentos inerentes a cada um desses traços identitários. Efetivamente, práticas de leitura, ora prazerosa e de deleite, ora especializada e inquiridora, com perspectivas pedagógicas e científicas, configuram-se como estratégias

inexoráveis para, dentre outras, conhecer, pensar, estabelecer interações, produzir estudos, análises e escritas e ações didáticas sobre tal literatura. Assim não dá para compreender, ensinar e fazer circular a literatura negro-feminina sem fazer alusão à voz autoral, associada às múltiplas vozes leitoras. Ao fim ao cabo, estou convicta de que forjaremos mais capítulos da história da literatura negro-feminina, na medida em que, também criativamente, formarmos públicos leitores.

Considero, nesse ínterim, que, do mesmo modo que ainda se torna emergente o trabalho cartográfico de (re) conhecimento, (des) silenciamento e (des) cerceamento de vozes autorais literárias negro-femininas em cenas artístico-culturais-literárias, inclusive, (e, não só) acadêmicas, tornam-se, igualmente, necessárias a formação de público-leitor, bem como modos, espaços, momentos e condições de produção, divulgação do trabalho de professores (as), críticos (as) e estudiosos (as). Com essa circularidade e imbricações, ainda que envoltos por ambivalências e complexidades, quicá, sejam mais promissores os caminhos já, há muito, iniciados e trilhados de promoção da literatura negro-feminina. Com tal compreensão, talvez, poderemos fortalecer, mais qualitativamente, genealogias e historiografias, rizomáticas e sem fixidez, da escrita literária de autoria negro-feminina.

Por fim, do mesmo modo que o texto literário cumpre suas funções sociais, na medida em que arrebatada, emociona, aguça, provoca, desconstrói e garante (ou ao menos, sinaliza) possibilidades de (re) invenções e (re) significações, compreendendo, semelhantemente, minhas atribuições como professora, pesquisadora e crítica (quando possível) da literatura negro-feminina. Suas funções sociais podem, talvez, adquirir sentidos e alguma relevância quando, igualmente, forem capazes de arrebatar e seduzir outros (as) leitores (as), estudiosos (as) e críticos (as) da literatura negro-feminina.

Quais autoras negras a escola não deve ignorar hoje?

Pergunta difícil de responder. Presumo que o melhor seja não indicar nomes de autoras negras indispensáveis à escola hoje. Talvez o mais propício seja reiterar a necessidade de se incluir, em práticas pedagógicas e nos currículos escolares, a produção literária de autoras negras, a partir de temas e não de periodizações e escolas literárias e do diálogo da literatura negro-feminina com outras cenas artístico-literárias contemporâneas, tais como a música, cinema, hip-hop, teatro etc.

Como você percebe a aceitação e multiplicação da sua pesquisa sobre literatura negra?

Confesso que, de imediato, causou-me surpresa tal recepção, desdobramentos e reverberações de minhas pesquisas. A aceitação (recepção) de artigos publicados sobre esse tema, a tese sobre autoras negras da Bahia (UFBA, 2010) e, posteriormente, da publicação do livro *Vozes literárias negras* (EDUFRB, 2012) têm me surpreendido positivamente. Também tem me impressionado, afirmativamente, o interesse pelos estudos desenvolvidos no pós-doutoramento (SORBONNE, Paris V, 2016-2017) sobre escritoras africanas negras de Moçambique e da Bahia. Compreendo que tal reação, por um lado, talvez ocorra devido a uma lacuna considerável de estudos e pesquisas afins e, por outro, termos construído tempos e espaços para se pensar sobre tais literaturas.

Considero que as instâncias de recepção hegemônicas (não negras) (academias de Letras, universidades, associações culturais e intelectuais, editoras, feiras e festivais literários, programas de pós-graduações, ainda muitos pesquisadores e professorxs de literatura etc,), pouco se interessam por projetos de descolonização do cânone ou reconheçam, afirmativamente, projetos literários, tais como literatura negra ou literatura negro-feminina. Ao contrário, são notórias, infelizmente, reiterações que lhes atribuem pouco valor estético e densidade literária. São ainda recorrentes práticas

discursivas e operacionais de exclusão de obras literárias de autorxs negrxs em iniciativas em torno da literatura, de publicação e fortalecimento da literatura brasileira. Categoricamente, comumente, afirmo que a literatura produzida por homens e mulheres negras é parte integrante do bojo da literatura brasileira, por isso é literatura brasileira.

Há, felizmente, outros “territórios” de recepção, forjados por organizações, coletivos e editorxs negrxs, leitorxs, autorxs, professorxs, pesquisadorxs e críticxs negrxs que, creditam aos projetos emergentes de descolonização da palavra e do cânone literário a estratégia de mobilidade socio-cultural de populações negras, bem como de escrita de si (nós), como contraditos e (des) dizeres literários em que se subjagam, dentre outros, vozes autorais, universos, modos de vida, culturas, histórias negras. Com a literatura, para esses segmentos de recepção, podem-se apontar outras possibilidades de discursividades, narratividades e (re) existências. Nisso se inserem os meus interesses e razões de pesquisa e talvez se justifique a aceitação da minha pesquisa.

Como você ver a presença das relações raciais na literatura brasileira hoje?

Tendo como ponto de partida e referência a produção de autorxs negrxs atualmente, vejo com boa querência os discursos literários e a representatividade negra na literatura brasileira. Tal dicção literária tem acionado e desconstruído imagens e discursos, mas também inventado outros sobre as relações raciais. Assim, inclusive, analiso, o olhar crítico que estudos sobre a literatura negra têm (des) apontado sobre a representação e os lugares de figuras, vozes e personagens negras na literatura brasileira. Há boas e salutares andanças e indicações de outros caminhos!

O que o/a professor/a precisa saber para ensinar os/as alunos/as a ler e escrever?

Saber ler e escrever para além da decodificação de signos.
Ser leitor (a) do mundo e da palavra.
Desenvolver as identidades leitora e escritora.
Estar sensível aos corpos (in) dóceis que se apresentam e circulam dentro e fora da escola.
Aprender a gostar de bens culturais e buscar condições para usufruí-los.
Desassossegá-lo com as dores do mundo e das pessoas, com as injustiças etc.
Desconfiar de verdades etc.
Qual a relação que você faz entre literatura e revolução?

A produção literária de homens e mulheres negras no Brasil tem se constituído como um exercício salutar e promissor de “assenhoramento” da palavra literária, não obstante as práticas permanentes de cerceamento e silenciamento de suas vozes literárias. Isso, por si só, já é um ato revolucionário! Descolonizar as letras, a literatura como exercícios discursivos de reinvenções não apenas do (a) outro (a), mas também de *auto-constituição* e *auto-formação*, longe de se configurar em fixar verdades sobre si nem em buscar significações definitivas de si mesmas. Consiste, pois, em tessituras literárias em que se instituem autorxs de uma *escrita de si* (nós), pois, através de poéticas e narrativas, cosem fios e fiapos de memórias e reinventam modos de (re) existências.

Como arte de si mesma e dx outrx, a sua estética literária consiste em um exercício de auto-instituição como autorxs de uma *escrita* que se desdobra em formação de si e, ao mesmo tempo, em des-hierarquização de saberes e já ditos de si. Além disso, significa construir processos de subjetivação, garantindo soberania para ter poder e saber como um ato político e para criar outros modos de constituição. Nesta perspectiva, A *escrita de si* (nós) de autoria negra não é apenas uma elaboração sobre si, mas é também (des) ditos de saberes apreendidos, adquiridos, memorizados, externos e não originários.

Escrever é, neste sentido, indubitavelmente, reescrever-se/nos e, a um só tempo, inscrever-se/nos em novos lugares, discursos, imaginários, papéis sociais e vivências que demarcam práticas discursivas interseccionadas por lirismos, afirmações, desconstruções e múltiplas formas de empoderamentos. É, em verdade, um permanente reinventar-se/nós. A autoria (re) inventa, neste íterim, vozes, memórias e prosas poéticas que instigam políticas culturais que contemplem escritoras negras com suas historicidades, memórias, autoficcionalização e, acima de tudo, com suas vicissitudes e tramas do hodierno, do vivido e do por vir sem espetacularização e idealizações que distanciam o real do ficcional.

A gramática literária, neste sentido, torna-se efetivos exercícios culturais de jogos de resistência e reversão, os quais não se esbarram em meros discursos individualizados e, quiçá, intimistas, mas, ao contrário, espalham-se e se estendem em e com outras tantas vozes (di) sonantes. Por esse projeto literário, figuram-se discursos estéticos inovadores e, quiçá, revolucionário, em que vozes literárias negras, destituídas de submissão, forjam uma estética textual em que (re) elaboram a si e aos outros e cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. Criam, então, uma literatura em que se inscreve e se impõe como *sujeito-autor (a)-negro (a)* que se descreve, a partir de subjetividades e vivências peculiares aos homens e mulheres negras na sociedade brasileira. Nesta perspectiva, o seu fazer literário, além de um sentido estético, atribui significados pessoais e coletivos de marcas identitárias. Toma-se, em verdade, o lugar da *escrita*, como uma instância efetiva de (des) tecer possibilidades de existências e de se (re) pensar e (re) criar a vida e destinos pessoais e coletivos.

A estética negra, dessa maneira, põe-se em um lugar de criação de uma textualidade em interação com histórias, desejos, resistências e insurgências, com memórias pessoais

e coletivas e identidades negras e de gênero. Coloca-se ainda em um território discursivo e imaginário desconstrutor de marcas identitárias amparadas em representações que inferiorizam universos e repertórios culturais negros e de gênero e construtor de tessituras que os valorizam e abalam significantes que os estigmatizam. Identidades individuais e coletivas são tecidas e, se necessário, destecidas, para que se afirmem narrativas propositivas e provocadoras de exercícios de alteridades. Em busca do direito à diferença e à vida em diversidade, a literatura negra, como parte da literatura brasileira, apresenta-se comprometida com o banimento de estigmas, servilismo e de práticas que ameacem a liberdade e com discursividades que exaltem, construam e reconheçam, positivamente, identidades negras. Assim tal produção literária agencia uma estética em favor da mobilização de identidades fixas, estereótipos e de rígidos papéis sociais, auferidos às figuras femininas negras, bem como de processos de desvalorização de universos culturais africanos e afro-brasileiros. Apresenta-se, ainda, como uma oportunidade relevante de e pela palavra, em um tom poético, mas denunciativo, se se fizer necessário, inscrever rastros identitários afirmativos e jogos de resistência. Desse modo, autorxs negrxs, ao criarem contradizeres que desestabilizam discursos que recalcam sua escrita, as relações de poder nas tramas do racismo e do sexismo, por exemplo, imbricadas com outras relações, universos e sujeitos, tornam-se protagonistas de outras narrativas da escrita literária.

A escrita literária de autorxs negrxs, muitas vezes, é, portanto, uma dobra de práticas de autonomia e, por conseguinte, de modos de assenhramento e interpretação de si (nós). Sua produção literária subverte, inscreve e escreve outras tessituras, desenhadas por histórias, memórias pessoais e coletivas ficcionalizadas e por projetos identitários e literários em que se quer longe de apagamentos e subalternidades. Escrever é se reinventar

novos territórios, temporalidades, atributos e experiências que delimitam práticas discursivas interseccionadas por lirismos, construções e diversos modos de estar e (re) posicionar-se. Neste ínterim, com suas tessituras literárias, (des) silenciam suas vozes, inscrevendo-se em cenas literárias e apontando outras vozes, personagens, possibilidades, memórias, sonhos, trânsitos e mundos.

Por esse exemplo s e outros vieses, talvez, podemos estabelecer conexões entre a literatura e a revolução, cientes de que a literatura, enquanto linguagem artística, pouco, ou quase nada, pode-se, a partir dela, desenhar revoluções. Por e com ela, entretanto, pode-se problematizar contextos e situações suscetíveis e necessitados de ações revolucionárias; tensionar e mobilizar verdades, acontecimentos, vivências humanas e socioculturais e experiências históricas; e inventar outros mundos possíveis!

Que mensagem você deixaria para estudantes/pesquisadores sobre literatura negra?

Essa pergunta pressupõe pensar, propositivamente, sobre os próximos tempos, ao considerar o tempo presente tão complexo e imerso às contradições e inconsistências das políticas culturais e literárias vigentes tão pouco satisfatórias e contempladoras das literaturas negras e negro-femininas.

Como surpreende constatar que, ainda assim, homens e mulheres negras deslocam-se do território de personagens para autorxs! Tal movimento muda não só o transcurso de suas vidas, mas também das trilhas literárias. Migrar da leitura para a escrita, permanecendo leitorxs de mundo, de si e das coisas, possibilitam-lhes alcançar outras percepções da vida e do que lhes rodeiam.

Como é salutar reconhecer, mesmo com essa dura realidade, elxs escrevem, embora ainda ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, publicam e tensionam inter-

dições de suas vozes. Além disso, inventam histórias, personagens e versos longe de estigmas e de apagamentos e próximas de marcas de alteridades. Minam processos de coisificação, a que foram reduzidas personagens negras na literatura brasileira, pois vozes se erguem, perspicaz e agudamente, contra estereótipos, estigmas, discriminação e visões exóticas, colonialistas que ainda passeiam em trânsitos literários. Para tanto, conciliam e opõem igualmente, quando necessário, o passado histórico e o presente, bem como seus dramas e sonhos.

Palavras cortantes e, a um só tempo, ternas, amorosas, libertadoras, acolhedoras, inventivas e criativas revestem-se de dicções literárias que, além de encenarem, por vezes, eventos, recordações e sentimentos esparsos do hodierno e vivido, travestidos em memórias literárias, (re) criam outros mundos, tradições, vozes e possibilidades de existências. Ademais provocações de suas poéticas e narrativas fortalecem e suscitam novos agenciamentos literários, visto que é preciso compreender e usufruir do prazer estético literário, não tão somente pela sua tradição, mas também pelos múltiplos movimentos pulsantes e (des) contínuos de rupturas, inovações e ressignificações da arte da palavra.

Diante disso, urge que se desenvolvam mais estudos e pesquisas sobre a literatura negra. Ademais, pululam alguns desafios e perspectivas para, entre caminhos e encruzilhadas, seguirmos com nossas pesquisas em torno das literaturas negras e negro-feminina:

A permanência do desafio de prosseguir com a construção da cartografia literária de autoras negras que parece estar longe de ser concluída. Bom que seja assim! Vozes narradoras, poéticas e autorais continuam a interpelar a todos (as) nós a conhecê-las e sobre elas pensar e elaborar estudos e críticas.

Criativamente e consistentemente, dedicação aos múltiplos modos e lugares de formação de público-leitor;

Dedicação ao estudo, escrita e publicação;
Nacionalização e internacionalização da produção;
Promoção do acesso às obras de autorxs negrxs nas escolas,
universidades, coletivos, organizações etc., através de feiras,
festivais, concursos, saraus etc.